

PERGUNTAS E RESPOSTAS

SOBRE O APRENDIZADO DE INGLÊS NA INFÂNCIA

Ricardo Schütz – MA TESL

Apresentações desta palestra:

- Escola Teddy Bear, Florianópolis – 2/2008
- Programa de Formação Docente 2010 (UNISUL Tubarão-SC) – 2/2010

Através do nosso site – English Made in Brazil <www.sk.com.br> – recebemos frequentemente perguntas sobre o aprendizado de línguas na infância. Este conjunto de vinte perguntas sintetiza as dúvidas e preocupações mais comuns de todos aqueles que têm filhos ou que trabalham com o ensino de línguas na infância.

Para cada uma das perguntas aqui apresentadas, segue um comentário em inglês e uma resposta completa em português.

Q #85: Senhores,

Estou de mudança para o exterior, mas minha família não fala inglês. Meus filhos têm entre 11 e 14 anos. Gostaria de adquirir algo que permitisse o estudo autodidático lá fora. Há muitos cursos no mercado, porém gostaria de uma indicação de gente que realmente entenda de todos os aspectos envolvidos, e não só o comercial. Poderiam ajudar-me?

Benedito Soares <kennedy@escelsa.com.br> Mar 26, 98

Comments:

1. *Is not aware of the difference between **acquisition** and **learning**.*
2. *Believes in self-study based on a structured plan.*
3. *Ignores the fact that language is an ability acquired naturally as a result of human interaction. Especially children acquire the local language easily and quickly.*

Acquisition (*assimilação natural*) is result of a subconscious process very similar to the process children undergo when they acquire their first language. It requires meaningful interaction in the target language and culture environment - natural communication - in which speakers are concentrated not in the form of their utterances, but in the communicative act. It is learning through experience.

Learning (*estudo formal*) is the product of formal instruction and it comprises a conscious process with intellectual efforts which result in conscious knowledge 'about' the language, for example knowledge of grammar rules.

Resposta:

Crianças constroem seu próprio aprendizado a partir de situações reais. Têm portanto mais resistência ao aprendizado artificial e dirigido do que adultos. Elas só procuram assimilar e fazer uso da língua estrangeira em situações de autêntica necessidade. Ao invés de planos e materiais didáticos, a criança (mais do que o adulto) precisa de contato humano e nada mais.

Presumo que vocês vão residir em país de língua inglesa, e por um período de um ano ou mais. Presumo também que você vai matricular seus filhos numa escola de segundo grau de lá. Se este for o caso, você não precisa se preocupar antecipadamente com o aprendizado da língua inglesa por parte de seus filhos.

Quando lá chegarem, eles assimilarão completamente a língua e a cultura de forma natural em menos de um ano. Passarão por um choque inicial durante 2 ou 3 meses, durante os quais ninguém precisa se preocupar; estarão plenamente entrosados com o novo ambiente (amizades, etc.) em mais ou menos 4 ou 6 meses; e estarão falando inglês sem sotaque em aproximadamente 1 ano ou pouco mais.

Você não vai precisar gastar nem um tostão. Seus filhos vão aprender mais brincando com o vizinho do que estudando em casa com o melhor e mais caro conjunto de materiais didáticos que eu pudesse lhe recomendar.



Q #155: Meu nome é Tânia Belickas, sou jornalista, trabalho numa revista chamada Meu Nenê, da Editora Símbolo, em São Paulo, e gostaria de conversar com o Prof. Ricardo Schütz sobre o tema: aprendizado precoce do inglês entre crianças. Se possível, gostaria que o Professor respondesse 5 perguntas:

1. Qual a idade ideal para começar o ensino de uma língua? Por que?

Tânia Belickas <belickas@sti.com.br> Oct 8, 98

Comments:

Any time between early childhood and adolescence any person can learn languages well. It is not a matter of time but a matter of opportunity. Opportunity here means an authentic environment of the target language and its culture.

Resposta:

Eu diria que não se trata de uma questão de idade, mas sim de oportunidade. Qualquer criança, de 1 a 10 ou 12 anos de idade, que estiver exposta a situações reais e concretas em ambientes de interação humana, vai assimilar não só a linguagem, mas tudo aquilo que caracteriza esse ambiente.

Se a interação humana da qual a criança participa em seu ambiente for caracterizada por frequente agressividade, pode-se esperar agressividade da criança. Se o ambiente for caracterizado por reflexão inteligente e ponderação, certamente veremos essas qualidades refletidas no comportamento também da criança.

Se a linguagem a que a criança estiver exposta caracterizar-se por desvios de pronúncia e excepcionalidade idiomática, os mesmos ficarão gravados como as patas de um cachorro que caminhou sobre o cimento fresco.

É por isso que a questão oportunidade se sobrepõe em importância. Tudo depende da oportunidade de se encontrar para a criança um ambiente natural de situações autênticas e reais de interação com nativos da língua-alvo e sua cultura.



Q #158: 2) Qual o ritmo de assimilação da criança?
(podem aprender quantas palavras, línguas, etc, e em quanto tempo diferente dos adultos)

Tânia Belickas <belickas@sti.com.br> Oct 8, 98

Comments:

1. *She is one more victim of the common misconception that “to learn a language” has only one clear meaning.*
2. *She is also being misguided by the misconception that vocabulary can be easily counted and that language learning is directly related to vocabulary buildup.*

Explanation 1:

Language proficiency can be placed on a wide range of different levels. To some it is simply advanced, intermediate and beginning. To others, it's subdivided in different skills, each one ranging on a long scale of numbers. But even among native speakers we will find different levels of proficiency in different skills at different ages. The fact is that language is an ability that cannot be measured objectively. So, "to learn English" is a relative concept, not to say an abstraction.

Explanation 2:

How should we count the vocabulary we “know”?

- 1. Would it be enough to recognize the word in its written form or would we have to recognize it also when spoken?*
- 2. Would it be enough to just recognize the word or would it be counted only if the word is also part of our active vocabulary, available when we are expressing our ideas in speech?*
- 3. And even when we have the passive and active knowledge in writing and speaking of words like the adjective “large” and the noun “lie”, but we don’t know that the combination “*large lie” never occurs in the language, how do we account for that?*

4. *When counting the vocabulary we know, words like the noun “hinge” or the verb “chew” will have the same weight as “house” or “drink”? How much of a compromise to our fluency not knowing “hinge” and “chew” will be? How can we equate in our vocabulary inventory the fact that some words are 20 or 30 times more likely to occur than others?*
5. *What weight in our counting shall we give to verbs like “take” and “get”, for which we can easily find more than 10 different meanings? How to include the lexical ambiguity of words in our counting formula?*
6. *What if we know for example that “give” means “dar” in Portuguese, and that the meaning of the preposition “in” corresponds most of the times to “em”, but we don’t know that “give in” means “ceder” and “give up” means “desistir”? How do we allow for word combinations in our counting?*

7. *Finally, how to equate content words like nouns and main verbs, which are more useful in conveying meaning, with function words like prepositions, articles, determiners and pronouns?*

In conclusion, vocabulary is an important element of language but it's virtually impossible to quantify vocabulary and inaccurate and inadvisable to correlate it with language proficiency.

The final and only answer to her question is: children can learn a lot faster.

Resposta:

O ritmo de assimilação depende do tempo de exposição. Minha filha mais velha, por exemplo, aos 3 anos de idade, até então monolíngue em português, foi viver no Japão. Em menos de 6 meses falava japonês fluentemente e, em um ano, como língua materna. Com 6 anos, fomos de muda aos EUA. Novamente, ela se tornou fluente em inglês com 6 meses e alcançou domínio equivalente ao de língua materna em 1 ano e meio. Eu diria que essa é a regra para crianças. Quando finalmente retornamos ao Brasil, depois de 5 anos e meio de ausência, o português dela levou cerca de 8 ou 10 meses para se tornar igual ao de outras crianças da mesma idade.

Já no caso de adultos, existe uma variação muito grande com relação ao ritmo de aprendizado e ao teto, mas sem dúvida a quantidade de exposição é sempre o fator de maior peso.

Também é importante não se iludir com a suposta relação entre proficiência em língua estrangeira e quantidade de vocabulário. Não existe no âmbito da linguística aplicada teoria equacionando habilidade em línguas com conhecimento de vocabulário. Já vi pais se esforçando para ensinar vocabulário a seus filhos com perguntas do tipo: “*como se diz ‘casa’ em inglês?*”, o que é de pouca utilidade. Mais útil seria os pais ocasionalmente falarem inglês entre si, mesmo que com um domínio limitado, apenas para despertar na criança sua consciência para a existência de outros meios de comunicação, além da língua materna. Vendo a língua em seu papel funcional, vai despertar também curiosidade e interesse.



Q #159: 3) Por que 12 anos é considerada uma idade limite para aprender?

Tânia Belickas <belickas@sti.com.br> Oct 8, 98

Comments:

The critical age factor is a much discussed matter. The best and simplest explanation I know is the one given by Yehouda Harpaz (my underlines):

Humans are born with an ability to comprehend and generate all kinds of phonemes, but during childhood (starting from birth, and maybe before) this ability is shaped by experience such that only the phonemes of the native language are easily comprehended and generated. In adults, these abilities are much less plastic, so adult learners of a new language find it especially difficult to comprehend and generate the phonemes of the new language that are not used in their native language.

At the time of learning to speak, the child learns to understand the world, and linguistic interaction forms most of the data in this learning. As a result, the learned neural structures that correspond to concepts tend to be associated with the neural structures that correspond to the words.

When an older person learns a language, the concepts already have neural structures, which are quite fixed. The neural structures corresponding to the words in the new language, which are determined by the perceptual input, have no relations to the former structures, and hence the association is relatively difficult to learn.

In learning a new language, the learner is not only required to perform new sequences of mental and motoric operations, but is also required not to perform the old ones. The old sequences are very thoroughly learned through practice, so it is very difficult to avoid performing them. Thus older second language learners find it very difficult not to slip back into their old language, both in terms of motoric actions (pronunciation) and mental actions (syntax structures, phrases etc.). For a young child, this is much less of a problem, because his/her language performance is much less practiced.

*(Harpaz, Yehouda. <http://human-brain.org/myths.html>.
Online. Dec 1, 2007)*

Resposta:

Eu não consideraria 12 anos uma idade limite para aprender. Eu diria apenas (e estudos assim revelam) que entre 12 e 15 anos aproximadamente, o ser humano perde gradativamente a capacidade de assimilar uma língua estrangeira com perfeição; ou seja, sem acento estrangeiro. Em outros aspectos como estrutura, vocabulário, redação, etc., a capacidade permanece. Nós testemunhamos no nosso dia-a-dia adultos de 40 e 50 anos fazendo progresso.



Q #160: 4) Quem deve ensinar a língua: professores, pais, amigos etc, e onde deve ser iniciado este estudo: em casa, numa escola normal, numa escolinha específica etc?

Tânia Belickas <belickas@sti.com.br> Oct 8, 98

Comments:

1. *Ignores the difference between acquisition and learning. We do not “teach” language to children but through the relationship we build with them we provide the language they absorb and acquire.*
2. *Needs to understand that the language used is an essential part of the relationship between 2 people. The one-person-one-language principle must be maintained because two languages cannot easily coexist in a relationship. In addition, the facilitator must be a language model and must be skillful in connecting with the child, speaking the target language from day 1.*
3. *It can take place anywhere, as long as the place offers a real target language & culture environment.*

Resposta:

Aqui é preciso primeiramente entender claramente a hipótese *acquisition/learning* de Stephen Krashen em sua amplamente aceita e respeitada teoria sobre aprendizado de línguas estrangeiras:

- O conceito de ***language learning*** está ligado à abordagem tradicional ao ensino de línguas. Refere-se ao entendimento pelo aluno da estrutura e das regras do idioma através de esforço intelectual e de sua capacidade dedutivo-lógica. É um processo progressivo e cumulativo, através do qual se busca oferecer ao aluno conhecimento a respeito da língua estrangeira, de sua estrutura, conhecimento esse que se espera venha a se transformar na habilidade de entender e falar essa língua.

- ***Language acquisition*** refere-se ao processo de assimilação natural, subconsciente, intuitivo, fruto de situações reais de interação humana. É semelhante ao processo de assimilação da língua materna pelas crianças; processo esse que produz habilidade prática e não necessariamente conhecimento.

Exemplo frequente de *language acquisition* é o de adolescentes e jovens adultos que residem em países de língua e cultura estrangeira durante um ano ou dois e atingem um grau de fluência quase equivalente ao de língua materna.

Em *language learning*, o professor ensina um conteúdo predeterminado e o aluno adquire conhecimento; em *language acquisition* não há professor, há apenas interação humana intercultural através da qual o aluno constrói sua própria habilidade, na direção de seus interesses.

Krashen finalmente sustenta que *language acquisition* explica não só o desenvolvimento da língua materna, mas também a assimilação de línguas subsequentes, sendo mais importante do que *language learning* para a assimilação da língua estrangeira, não só para crianças, mas até mesmo para adultos.

Portanto, o que a linguística aplicada moderna preconiza (especialmente para crianças!) é *acquisition*. E para que *acquisition* ocorra, é preciso que a criança esteja situada em um ambiente de convivência caracterizado pela língua e pela cultura estrangeira.

Um ambiente desses, entretanto, dificilmente pode ser criado artificialmente. O elemento fundamental desse ambiente são as pessoas que o compõem.

Se os pais, por exemplo, falarem o idioma estrangeiro como língua materna, irão naturalmente transmiti-lo para a criança no convívio familiar. Entretanto, pais que falam o idioma estrangeiro, porém não habitualmente e não com a naturalidade com que falam a língua materna, não devem iludir-se com a possibilidade de ensiná-lo a seus filhos, uma vez que ambientes de *language acquisition* são dificilmente criados artificialmente. A língua usada é parte importante do relacionamento entre duas pessoas. A intimidade de um ambiente familiar tem uma identidade única, tornando-se difícil criar ambientes múltiplos, caracterizados por diferentes línguas. A língua que a família usa é a língua que a criança assimilará. Para assimilar outras línguas, a criança terá que frequentar outros ambientes, conviver com outras pessoas.

Se o ambiente familiar não oferecer *language acquisition*, pode-se buscá-lo em outros ambientes (escola de línguas), nos quais o papel do facilitador é fundamental.

Para se criar um ambiente de *acquisition* em sala de aula, o professor deve funcionar como facilitador, preenchendo dois requisitos básicos: domínio sobre o idioma (inclusive competência cultural) em nível de língua materna e habilidade pessoal para saber explorar os aspectos psicológicos e afetivos do aprendizado de línguas da criança. Se o facilitador falar inglês com sotaque e com outros desvios que normalmente caracterizam aquele que não é nativo, a criança os assimilará, e talvez para sempre.

Podemos classificar em ordem de preferência os ambientes ideais de *language acquisition*:

a) Um país de origem da língua e da cultura que se procura adquirir. Por exemplo, os Estados Unidos ou a Inglaterra para inglês. Neste ambiente os facilitadores seriam todos: amigos, colegas, professores, e talvez o(s) próprio(s) pai(s).

b) Um ambiente familiar, como o descrito anteriormente.

c) Uma escola de línguas que saiba e que tenha condições de criar ambientes de convívio multiculturais com situações reais e concretas de interação humana, em que *acquisition* possa ocorrer.

Aqui, os materiais a serem usados e a existência ou não de um plano didático são absolutamente irrelevantes. Fundamental é que o(s) facilitador(es) preencham os dois requisitos básicos: plena competência na língua com sua cultura e habilidade de construir vínculos com crianças e adolescentes no plano afetivo. O ideal é que o(s) facilitador(es) sejam nativos estrangeiros por diferentes razões:

1) Transferem ao aluno sua maneira de estruturar o pensamento em linguagem pura, isenta de desvios.

2) Como o magnetismo de opostos que se atraem, a presença do elemento estrangeiro no contato intercultural estimula a natural curiosidade pelo desconhecido e o desejo de explorá-lo. O falante nativo é a personificação da língua e da cultura estrangeira, constituindo-se elemento motivador chave.

3) As limitações do estrangeiro com a língua materna do aluno possibilitam a inversão de papéis, fazendo a criança ou o jovem sentir-se por vezes capacitado a ensinar, colocando-o num plano de igualdade com o professor e desenvolvendo-lhe assim a autoestima.

4) Crianças têm grande resistência ao aprendizado formal, artificial e dirigido. Elas só procuram assimilar e fazer uso da língua estrangeira em situações de autêntica necessidade, construindo seu próprio aprendizado a partir de situações reais. Se perceberem que a pessoa que deles se aproxima fala sua língua materna, dificilmente se submeterão à difícil e frustrante artificialidade de usar outro meio de comunicação.



Q #161: 5) Como os pais podem ajudar o filho neste processo de aquisição de uma nova língua (nossa revista é voltada para os pais, portanto são necessárias dicas)?

Tânia Belickas <belickas@sti.com.br> Oct 8, 98

Comments:

1. *Do your best to find the right English environment for your child.*
2. *Ask your child frequently about his learning of English in a way to raise self-esteem and motivation.*
3. *Make available toys, games, pictures, cartoons, in English or that require English.*
4. *Do not push your child to practice with you, especially if your English ability is limited.*

Resposta:

Em primeiro lugar, os pais monolíngues devem cuidar para não caírem no erro elementar de acreditar que, para se falar uma língua estrangeira, tem que se estudar, isto é, adquirir conhecimento a respeito dela, memorizar vocabulário, e que isso só se alcança através de esforço, e que esse esforço deve ser imposto e cobrado. Embora diferentes línguas estejam normalmente associadas a diferentes pessoas, os pais que falam inglês (bem) podem ajudar criando rotineiramente momentos de interação familiar em inglês. A criança passará a ver o idioma estrangeiro inicialmente com curiosidade e interesse, e a seguir com naturalidade, despertando-lhe a consciência da existência de diferentes sistemas de comunicação humana. A produção oral pode demorar muito e deve iniciar espontaneamente, nunca forçada. Finalmente, os pais devem saber encontrar um ambiente de convívio que proporcione *language acquisition* para seus filhos. Aqui cabem dois alertas:

Primeiro: É grande a responsabilidade ao se colocar crianças que ainda não atingiram a idade crítica (e mesmo depois), em clubes, cursinhos ou escolinhas que oferecem cursos de inglês atrelados a planos didáticos rígidos (ênfase em *learning*) ou com instrutores cuja proficiência seja limitada. Sotaque e outros desvios que normalmente caracterizam aquele que não é nativo serão transferidos à criança, causando a internalização dos mesmos e podendo se transformar em danos irreversíveis. Seria como colocar a gema bruta nas mãos de um lapidador aprendiz. Esta é uma área de atividade muito vulnerável a um comércio inescrupuloso e amador que facilmente e frequentemente explora a boa-fé daqueles que buscam o melhor para seus filhos sem poupar esforços.

Segundo: Uma vez que o momento e a forma ideal de se alcançar proficiência em línguas estrangeiras é a idade escolar, e sendo bilinguismo uma qualificação básica do indivíduo na sociedade moderna, compete às escolas primária e secundária proporcionar ambientes de *language acquisition* - e já! Os pais devem começar a se conscientizar disso e exigí-lo, principalmente daquelas escolas particulares cujas receitas não justificam nenhuma postergação.

Veja mais sobre isso em *O Papel dos Pais* <www.sk.com.br/sk-pais.html>.



Q #194: Prezado Ricardo!

Em primeiro lugar gostaria de parabenizá-lo pelo excelente trabalho! Gostaria de saber sua opinião sobre escolas de ensino fundamental no Brasil que têm o inglês como idioma principal. As crianças convivem em casa com a língua portuguesa e na escola, exclusivamente, com a língua inglesa. Isso não poderia confundi-los ou trazer prejuízo no aprendizado das matérias?

Socorro Barros <msocobs@hotmail.com> Feb 2, 99

Comments:

1. *No harm at all; this is the right path. The language is being used as a means and not as a subject of study in itself. It's one of the most efficient ways to become bilingual.*
2. *Just make sure the language they are exposed to is the real language you want them to learn.*

Resposta:

Não, não vai confundi-los porque cada língua será usada sempre com as mesmas pessoas. Ou seja, cada relacionamento será construído através de uma única língua.

Isto se chama educação bilíngue. Exatamente o que preconizamos. A escola no seu todo, nesse caso, funciona como ambiente de convívio multicultural proporcionando *language acquisition*. Quem são os professores dessas escolas a que te referes? São falantes nativos de inglês? Este também é um detalhe importante, porque pode acontecer aqui o que aconteceu na Índia e no Paquistão, onde segmentos da população são bilíngues, mas falam um dialeto de inglês corrompido por uma forte interferência da língua local, às vezes de difícil compreensão para europeus e norte-americanos.

Ninguém vai querer que seu filho acabe falando um dialeto de inglês caracterizado por forte interferência do português.



APRENDIZADO NA INFÂNCIA – PERGUNTAS E RESPOSTAS

Q #291: Sou professora de inglês e procuro bons livros didáticos para trabalhar com meus alunos de pré-escola ao ensino médio. Vocês podem me ajudar? Obrigada

Jaqueline Bampi <jjbampi@zaz.com.br> Jan 5, 2000

Comments:

1. *Probably ignores the difference between acquisition and learning and for this reason gives too much importance to a lesson plan.*
2. *Neglects the fact that language is primarily speech and oral input must prevail over the written language, especially when teaching English to children.*
3. *Or maybe she is forced to work with too large a number of learners per class, which does not allow for an acquisition environment.*

Resposta:

Se aprender inglês para você significa adquirir algum conhecimento sobre as estruturas gramaticais básicas da língua, tipo modo interrogativo, verbo auxiliar, presente, passado, etc., nossos conceitos de aprender inglês são muito diferentes, e pouco podemos lhe ajudar.

Entretanto, se aprender inglês significa para você (assim como para nós) desenvolver alguma familiaridade com a língua, preferencialmente na sua forma oral, em situações naturais de convívio, ou em atividades que levam espontânea e naturalmente à comunicação, então podemos lhe sugerir, em primeiro lugar, que se preocupe menos com o material didático.

Para alcançar êxito você deverá explorar o plano pessoal e psicológico, saber cativar sua clientela, conquistar sua amizade, buscar sintonia no plano afetivo, transformar-se numa criança para poder interagir com eles. Talvez liderá-los na elaboração de um projeto qualquer com o qual se identifiquem e ao qual se dediquem com alto grau de envolvimento. Cartolina, tesoura e cola, ou farinha e ovos podem facilmente constituir-se em materiais mais úteis do que o último lançamento da Oxford University Press.



Q #293: Parabenizo a equipe do English Made in Brazil pela excelente página e conteúdo da mesma. Aproveito a oportunidade para tentar esclarecer mais uma dúvida e/ou pedir um auxílio. Sou professora e gosto muito de trabalhar com o construtivismo. Porém, na maioria das vezes, não consigo fazer com que minhas aulas de inglês levem os alunos a "construir" - geralmente tudo é dado pronto.

Como posso trabalhar com a língua inglesa e o construtivismo juntos? Agradeço desde já pela ajuda!

Jaqueline Bampi <jjbampi@zaz.com.br> Jan 11, 2000

Comments:

In second language learning constructivism is very much in line with Krashen's Natural Approach and also with Vygotsky's cognitive theory according to which the learner acquires the language and builds his proficiency as a result of real interaction in the environment of the target language.

It applies not only to the development of oral skills, but also writing skills.

Resposta:

Construtivismo é equivalente ao que a linguística aplicada chama de *language acquisition*: o desenvolvimento de habilidades e conhecimento como resultado de interação do ser inteligente com o ambiente. No caso de línguas estrangeiras, o ambiente apropriado é aquele que oferece convívio com a cultura estrangeira.

Portanto, o desafio consiste em criar-se o ambiente ideal, no qual predomine a língua estrangeira e, através da interação nesse ambiente, o aluno possa "construir", assimilar e desenvolver sua habilidade com a língua.



Q #325: Hello, I am a Brazilian living in the US for 5 years now. I have a son that has just turned one and that I would like to teach Portuguese to. I know that you guys are specialized in teaching English, but I thought that no matter what language I teach, the approach can be the same. Please, let me know what is the best thing to do to teach him Portuguese at this early age.

Andrea Reay <Kity1976@aol.com> April 26, 2000

My suggestion:

Bring Portuguese into your home. Make it part of your son's learning environment. Follow the one-person-one-language principle: speak to your son in Portuguese only, so that it becomes part of your relationship. If you have Brazilian friends, make sure to have your son around when you see them. Send him to Brazil on vacation, when he's old enough.



APRENDIZADO NA INFÂNCIA – PERGUNTAS E RESPOSTAS

Q #329: Só para variar, eu quero cumprimentar a você e a todos desta equipe pelo site que fizeram para todos nós. Eu leciono inglês, tenho somente uma turma à noite, pois trabalho *full time* e tenho muitas dúvidas, assim como todos nós, mesmo em português, temos. O intuito deste e-mail é dizer-lhes que continuem a acrescentar mais informações, na medida do possível, porque este é um site excelente em todos os sentidos. Minha pergunta: Eu tenho um filho de 3 anos e sempre fui muito cobrada de toda a minha família, principalmente do meu marido, porque ele ainda não fala inglês. Eu sei que um ambiente onde ele possa interagir em inglês será muito mais fácil para que ele aprenda naturalmente. Mas eu sempre fui muito acanhada neste negócio de falar inglês dentro de casa, embora eu seja uma autodidata neste assunto. Aprendi praticamente sozinha, por gostar da língua. Enfim, eu até hoje não envolvi meu filho com a língua inglesa, embora eu gostaria muitíssimo que ele saísse por aí falando inglês comigo e também com meu marido. Me dá uma dica, vai. O que eu faço? Um abraço,

<...> May 3, 2000

Comments:

Is it possible to bring a foreign language to a mother-child relationship?

No. The language is an essential part of the relationship between people. It is very difficult to switch languages for the sake of practicing and learning. Children especially will not subject themselves to the artificial and limited communication in a foreign language.

For this reason, the language facilitator should never speak the young learner's native language. From day one the relationship must be built in the target language and the principle one-person-one-language must be maintained.

Resposta:

É nossa opinião que um ambiente de assimilação de línguas estrangeiras para crianças tem que ser o mais natural e autêntico possível. Linguagem é parte essencial de um relacionamento íntimo como este de mãe e filho. A não ser que desde o início você tivesse construído o relacionamento com seu filho em inglês, acho difícil ter êxito agora.

Todo ambiente familiar tem uma identidade única, marcada pela língua que o caracteriza. Torna-se portanto difícil criar um ambiente de língua estrangeira que não seja artificial. A língua que a família usa é a língua que a criança assimilará. Para assimilar outras línguas, a criança preferencialmente terá que frequentar outros ambientes à época certa e durante o tempo de exposição suficiente.

Crianças têm grande resistência a qualquer tipo de aprendizado formal, artificial e dirigido. Elas só procuram assimilar e fazer uso da língua estrangeira em situações de autêntica necessidade, construindo seu próprio aprendizado a partir de situações reais. Se souberem que a pessoa que deles se aproxima fala sua língua materna, dificilmente se submeterão à difícil e frustrante artificialidade de usar outro meio de comunicação. Com você, seu filho já tem um relacionamento em português.

Não se preocupe, entretanto, porquê ainda há muito tempo. Até os 10 ou 15 anos de idade, qualquer contato que seu filho vier a ter com ambientes de língua inglesa, lhe proporcionará um rápido desenvolvimento. Cabe a você apenas saber encontrar para ele um desses ambientes.



Q #344: Prezados Professores,

Tenho um filho de 13 anos que há 1 ano frequenta um curso aqui em São Paulo que oferece um programa de inglês num ambiente de convívio com instrutores estrangeiros hábeis no relacionamento com as crianças, exatamente nos moldes preconizados por vocês. É desnecessário dizer que os resultados são surpreendentes. Posso ver a possibilidade de meu filho se tornar bilíngue.

Entretanto, tem uma coisa que me preocupa: na escola (7ª série) ele tem recebido avaliações baixas em inglês porque, de acordo com a professora, ele tem dificuldade com ortografia, escrevendo as palavras muitas vezes do jeito que elas são pronunciadas. Qual a opinião de vocês sobre este caso?

Maria Helena K. July 19, 00

Comments:

Let's keep in mind that the correspondence between spelling and pronunciation in English is extremely poor. Therefore difficulties in spelling are quite natural. Remember the popular "spelling bee" contests in English-speaking countries.

Therefore, your son's difficulties with spelling are actually a good sign, and that English teacher of his needs a TESL refreshment course.

Resposta:

Você e seu filho estão de parabéns. O fato de seu filho mostrar na ortografia uma interferência da pronúncia, demonstra que o aprendizado está dando certo. Lembre-se que o inglês, de todas as línguas modernas que se conhece, é a que apresenta a pior correlação entre pronúncia e ortografia. Este tema está detalhadamente apresentado em *Interferência Ortográfica* <www.sk.com.br/sk-interfer.html>. Portanto, ao longo do aprendizado, é inevitável e natural que um interfira no outro.

Quanto ao sistema de avaliação usado na escola que seu filho frequenta, o mesmo deveria ser reformulado. Avaliar o desenvolvimento do inglês dos alunos pela ortografia, seria como avaliar a qualidade de um livro pela cor da capa. Da ortografia, o computador cuida.

Faça a sugestão à professora de seu filho para que entre em contato conosco. Teremos prazer em trocar algumas ideias e oferecer sugestões.



Q #353: Gostaria que me ajudassem a escolher aqui no Brasil (São Paulo) ou em Miami na Flórida, algum curso intensivo para crianças. Tenho uma filha de 11 anos a qual já cursou a escola por 4 anos e há 2 anos tem tido aulas particulares em casa 2 vezes por semana. Sinto que ela já deveria estar em um nível mais elevado, contando que ela viaja para o exterior praticamente todas as férias. O mesmo acontece com meu filho de 8 anos. Se possível gostaria de ajuda pois gostaria de um curso de inglês mais intensivo, para eles poderem começar a estudar outras línguas. Ambos têm uma inteligência normal para a idade. Os 2 falam e escrevem hebraico e português correntemente pois estão em uma escola judaica. Como costumo passar as férias em Miami, quem sabe tenha lá um curso mais intensivo, o qual eles possam fazer nas férias escolares daqui do Brasil, ou algum curso aqui no Brasil. Desde já agradeço,

Beti Sikri <lelo@zip.net> Oct 4, 2000

Comments:

1. *Mother and teacher probably ignore the concept of natural acquisition and don't really understand how children learn languages.*
2. *Her story also shows that being in a foreign country does not necessarily mean being in the foreign language environment. The children probably live in a Portuguese speaking family environment when they spend vacation in Miami.*
3. *She should simply enroll the children in a summer or winter camp or any school or sports program where the children can interact with local peers, when they go to Miami.*

Resposta:

Crianças têm grande resistência a qualquer tipo de aprendizado formal, artificial e dirigido. O bom programa de língua estrangeira para crianças é aquele que procura desenvolver familiaridade com a língua em situações naturais de convívio, ou em atividades voltadas aos interesses da criança, que levem espontânea e naturalmente à comunicação. Se esses 4 anos que sua filha já fez, tivessem sido feitos num programa como esse, sua filha já seria praticamente bilíngue.

Nos programas que proporcionam assimilação natural, tudo depende da habilidade pessoal do instrutor. O mesmo deve saber representar a cultura estrangeira e funcionar na língua estrangeira com desenvoltura e naturalidade (sem sotaque!) – melhor se for nativo. Se falar a língua materna da criança, esta não deve sequer perceber isto. Deve explorar o plano pessoal e psicológico, saber cativar sua clientela, conquistar sua amizade, buscar sintonia no plano afetivo, transformar-se numa criança para poder interagir com eles. A sala de aula pode ser uma sorveteria, um jardim, um parque de diversões, uma cancha de boliche, uma oficina ou uma cozinha.

Talvez liderá-los na elaboração de um projeto qualquer com o qual se identifiquem e ao qual se dediquem com alto grau de envolvimento.

Portanto, não descanse enquanto não encontrar a pessoa certa.

Troque de escola a cada semestre, se necessário for. Não se deixe iludir pela ideia que uma escola é melhor do que a outra, quando quase tudo depende da pessoa do instrutor. O papel da escola é apenas o de proporcionar uma sala de aula e não atrapalhar.

Quando for aos EUA, esqueça as escolas de inglês de lá, onde seus filhos teriam mais contato com crianças estrangeiras. Coloque-os num programa tipo *summer camp* daqueles organizados pelo YMCA, que inclusive são muito mais baratos. Escolas públicas sempre têm alguma atividade de férias. Assim seus filhos estariam interagindo com crianças nativas em inglês, num ambiente de convívio ideal.



Q #359: Parabéns pelo site. Tive a oportunidade de ler algumas perguntas e respostas e uma em especial me chamou a atenção. Ao ser perguntado sobre material de inglês da pré-escola à adolescência, o professor respondeu que não deveria haver uma preocupação grande com o material, mas com o contato humano, atividades extras, etc. Sou professor de inglês há 17 anos e sempre defendi esta tese, porém, quando os pais procuram uma escola de inglês para crianças, é inevitável que queiram saber sobre o material utilizado. Por conta disso, gostaria de saber onde posso adquirir bons materiais para crianças de 3 a 13 anos, ou talvez, além do material, informações, conselhos e metodologia de atividades e aulas para crianças?

Klinger <ksouto@argo.com.br> Nov 6, 2000

Comments:

Who needs to be taught here? ...

It may be a very good idea to have training sessions for parents at the beginning of every semester.

I'd love to be invited to lecture parents ...

Resposta:

Minha sugestão é que você dê um rápido treinamento para os pais sobre o que é "aprender inglês". A experiência já nos demonstrou ser indispensável dar um treinamento aos pais. Pais conscientes tornam-se confiantes e ajudam em vez de atrapalhar.



Q #393: As crianças misturam línguas?

Gostaria de saber se uma criança, quando adquire dois ou mais idiomas, fala os dois de forma misturada, como se fosse um, ou o cérebro dela consegue distinguir ambos?

Thiago <thiagobreu@ig.com.br> Apr 30, 01

Comments:

1. *Ignores or forgets that languages have distinct phonetic characteristics.*
2. *Ignores the even more important fact that language is always a prominent feature of the environment we are in and an essential part of the relationship we maintain with people. When we learn a language, we do so as a result of the interaction with the people that speak that language. In the same way that you don't wear shorts in winter nor a jacket in summer, you don't speak Portuguese in an English-speaking environment and vice-versa. The child that experiences different language environments immediately perceives that and easily blends in accordingly.*

Resposta:

Só no plano fonético, as línguas já possuem características marcadamente distintas. Assim como ninguém confundiria uma sinfonia clássica com uma música funk, ninguém vai confundir línguas diferentes como, por exemplo, inglês e português.

Mais importante do que isso, língua é um elemento de relacionamento humano. As línguas que a criança fala fazem parte do relacionamento que a criança mantém com as pessoas em seu ambiente. Assim como a criança não se confunde quando fala com a mãe e depois com o vovô, assim não vai confundir as respectivas línguas que cada pessoa de seu ambiente fala. Só vai confundir se a mesma pessoa falar diferentes línguas, misturando-as e neutralizando suas diferenças de pronúncia.



Q #398: Problemas com a ortografia do inglês.

Em primeiro lugar, parabéns pela excelente qualidade do site; ele é de grande ajuda para professores e para alunos. Leciono inglês para diversas faixas etárias, em uma escola de idiomas e também em uma escola de ensino regular. Em ambas me deparei com um problema: De fato, crianças demonstram mais facilidade em aprender idiomas, entretanto, meus alunos têm muita dificuldade em escrever corretamente. São capazes de pronunciar perfeitamente, e entender o que estão falando. Mas quando o assunto é escrever ... Alguns também apresentam muita dificuldade para ler, talvez por ainda "pensarem em português" ao lerem um texto em inglês. O que vocês me sugerem? O que devo fazer para melhorar a leitura e diminuir a dificuldade na escrita de crianças? A faixa etária de meus alunos varia de 7 a 13 anos. Muito obrigada.

Viviane Matos - Brasília <vivianematos@bol.com.br> May 12, 2001

Comments:

1. *The problem of spelling in English is a natural problem because of the poor correspondence between pronunciation and spelling. Youngsters in English-speaking countries have the same difficulty.*
2. *She is on the right path but maybe it is time to introduce reading and writing activities.*

Resposta:

Quando você fala em dificuldade em escrever, provavelmente está se referindo à ortografia, e não ao aspecto criativo do texto, pois nessa idade não é de se esperar grandes habilidades em redação. Neste caso, eu me preocuparia menos com a dificuldade de seus alunos com a ortografia do inglês. Correção ortográfica se obtém simplesmente com um computador. O grande problema ao se escrever em inglês não é ortografia, mas sim o aspecto criativo, a clareza, a objetividade e a integridade lógica do texto. Isso tudo, entretanto, vem depois da fala. Lembre-se que o inglês, de todas as línguas modernas que se conhece, é a que apresenta a pior correlação entre pronúncia e ortografia, tema este detalhadamente apresentado em: *Interferência Ortográfica* <www.sk.com.br/sk-interfer.html>. O fato de seus alunos mostrarem na ortografia uma interferência da pronúncia, demonstra que o aprendizado está dando certo.

O problema deles com leitura está provavelmente relacionado ao mesmo fenômeno. Se a representação gráfica da língua está tão distante da realidade oral, é natural que haja dificuldade na interpretação.

Na minha opinião, você está no caminho certo ao dar prioridade à língua na sua forma oral. Parabéns pelo resultado de seu trabalho. A partir de agora, você poderia tentar incorporar atividades que exigissem alguma leitura e algum exercício de redação.



Q #400: Importância da homogeneidade do grupo e "error correction"

Sou formada em Letras português-inglês e neste ano estou cursando Licenciatura. Tenho um trabalho de campo para ser entregue no final de junho, na disciplina Psicologia da Educação. Dou aulas de inglês em um curso particular e por ter uma aluna tímida, resolvi escolher este tema para fazer o meu trabalho. Ela tem 11 anos e quase não fala nas minhas aulas. Quando lhe faço perguntas ela as responde muito baixo. Os outros alunos da turma são mais velhos, tendo entre 12 e 16 anos. Gostaria de obter ajuda sobre como agir da melhor forma com esta aluna e de saber se os teóricos da educação (como Piaget, Vigotsky, Gagné, Skinner, entre outros) abordam este tema e se há alguma bibliografia que eu possa consultar sobre isto para fundamentar meu trabalho. Desde já agradeço a atenção. Sua resposta será de enorme importância para mim. Muito obrigada,

Ludmila <...> May 16, 2001

Comments:

1. *A little background in psychology is fundamental for a language teacher.*
2. *Group formation requires more care and attention than it usually gets. Age differences must be respected and introverts and extroverts should not be in the same group.*
3. *Error correction is an efficient tool to compensate for personality differences.*

Resposta:

Não sei lhe informar se existe bibliografia específica a esse respeito, mas posso lhe assegurar que um aluno de personalidade introvertida não deveria jamais estar num grupo com alunos extrovertidos, muito menos se estes forem de mais idade.

O aspecto psicológico numa situação dessas é de muito maior importância do que o aspecto linguístico. A pessoa introvertida, por mais conhecimento linguístico que alcance, sempre carece de autoconfiança e deve portanto ser colocada num ambiente em que possa sobressair-se para desenvolver sua autoconfiança e vencer esse obstáculo de natureza psicológica.

Já os extrovertidos, que se caracterizam pelo excesso de autoconfiança, que têm uma tendência a dominar independentemente de domínio linguístico, correndo um forte risco de internalizarem e fossilizarem desvios, podem e devem ser colocados em grupos que representem um maior desafio, para se sentirem um pouco "intimidados" frente à habilidade superior dos colegas e compelidos a monitorarem melhor sua produção oral.

A atitude do instrutor com relação aos desvios da linguagem produzida pelo aluno (*error correction*) também deve levar em conta o aspecto psicológico. Linguagem precisa (sem desvios) deve ser mostrada para o aluno introvertido de uma maneira sutil e dissimulada, enquanto que com o aluno extrovertido, a intervenção pode e deve ser mais direta e disciplinadora. Um grupo psicologicamente heterogêneo compromete o trabalho mesmo do mais hábil professor.

Por todas essas razões, os critérios de avaliação para formação de grupos para o aprendizado de língua estrangeira devem basear-se predominantemente no perfil psicológico. Como consequência natural, deve-se evitar também adolescentes de diferentes idades num mesmo grupo.

Infelizmente esse aspecto é quase sempre negligenciado não só na escola secundária, mas também pela maioria dos cursos de línguas que estão acostumados a planos didáticos prontos que enfatizam unicamente o conteúdo gramatical de suas receitas. "Quem não domina o *perfect tense* tem que entrar no Livro 5," é comum se ouvir, o que revela um total desconhecimento de psicologia aplicada ao ensino de línguas; um ensino hoje dominado por aqueles cujas prioridades são a cobrança das mensalidades e grupos cheios para lucrar mais.



Q #406: Prezado Ricardo,

Sou pedagoga e moro nos EUA, NJ. Passei boas horas estudando inglês pelo seu site. Parabéns, está maravilhoso! Gostaria que vc me orientasse e indicasse bibliografia sobre o que vc estudou no crescimento de sua filha, ou seja, a aprendizagem de 3 idiomas. A razão é porque sou casada com um chileno. Nos comunicamos em espanhol, ocasionalmente em inglês (o qual estou estudando). Estamos planejando um bebê para o próximo ano e esta questão da linguagem me preocupa muito. Por ter formação pedagógica, me interessa muito este tema, para que meu futuro filho adquira a herança cultural de meu marido, minha e do lugar onde vivemos. Não o quero alienado! Por favor, apreciaria muito sua ajuda. Temos tempo, mas gostaria de começar a pesquisar desde já. Já pensei em transformar esta futura experiência em tema de tese. Desculpe o tom informal, mas passei tanto tempo no site que gostaria de conversar com vocês por um longo tempo. Desde já muito obrigada! aguardo ansiosa a resposta.

Irla <luisg@bellatlantic.net> June 29, 2001

Comment:

It is difficult to have more than one language in the same environment, but not impossible. If you speak always in Portuguese with your child and the father always in Spanish, he will acquire both. As for English, it will naturally become his main language as soon as he starts interacting with peers.

Resposta:

Receio não conhecer bibliografia esclarecedora e específica sobre o assunto, mas posso lhe transmitir minha experiência.

Tenho duas filhas trilíngues. A mais velha nasceu no Brasil, onde viveu até os 3 anos de idade. Dos 3 aos 6, viveu no Japão. Dos 6 aos 8, nos Estados Unidos. Com 8 anos, retornou ao Brasil. Com 16 anos estudou um ano no Japão e passou dois meses nos EUA. Com 20 anos, estudou um ano nos EUA. Dos 17 aos 22 (idade atual) tem tido frequente contato com falantes nativos de inglês. A história da outra é semelhante.

Naturalmente nenhuma delas jamais fez algum curso de línguas. A assimilação de ambas foi sempre fruto de convívio em ambientes da cultura e da respectiva língua.

Tais ambientes, entretanto, são difíceis de serem criados artificialmente, mesmo que os pais sejam bi ou trilingües. A língua usada é parte importante do relacionamento entre duas pessoas. Especialmente na intimidade de um ambiente familiar, o qual tem uma identidade única, torna-se difícil criar ambientes múltiplos, caracterizados por diferentes línguas. A língua que a família usa é a língua que a criança assimilará. Para assimilar outras línguas, a criança preferencialmente terá que frequentar outros ambientes à época certa e durante o tempo de exposição suficiente.

Entretanto, se desde o início você falar sempre só em português com seu filho, e o pai sempre em espanhol, ele poderá vir a adquirir ambos. Quanto ao inglês, você não precisa se preocupar – assumirá o papel de primeira língua tão logo ele comece a interagir com colegas.



APRENDIZADO NA INFÂNCIA – PERGUNTAS E RESPOSTAS

Q#433: Primeiro de tudo, gostaria de parabenizar o site. Realmente, para as pessoas que de alguma forma estão ligadas ao inglês, é de muita utilidade. Bem, sou psicóloga, com curso de pós-graduação na Philadelphia em "*Early Childhood Education*" e atualmente vivo em Barcelona, terminando um mestrado e me preparando para entrar no doutorado. Sempre trabalhei com educação infantil e minhas últimas experiências foram ensinar inglês para crianças antes de serem alfabetizadas. Depois que cheguei na Espanha, continuo dando classes e não só eu, como também as mães, vemos muito resultado.

Meu projeto no mestrado é a criação de materiais de ensino para essa idade. Esses materiais incluem um CD-ROM, um vídeo, um guia para professores e o livro do aluno.

Gostaria, se possível, que vocês me dessem uma opinião sobre o tema. E teria algumas perguntas que aclararia minhas dúvidas:

- 1 - Qual idade ideal para começar a aprender inglês?
- 2 - Que bibliografia vocês recomendam que explique o porquê de se ensinar uma segunda língua em idades tão precoces?
- 2 - Existe muito material para crianças nessa idade (1 a 6 anos)? Qual a procura?
- 3 - O que vocês me aconselhariam sobre o tema?

Muito obrigada pela atenção e espero ansiosa por uma resposta. A contribuição de vocês é muito importante para mim.

Jordana de Castro Balduino <jordanabalduino@hotmail.com> Oct 6, 2001

Comments:

1. *In spite of a respectable academic background and practical experience, she doesn't seem to be on the right path.*
2. *The important thing is to connect with the children, leading them on various activities. Improvisation is the key when working with them. Books and CDs have an insignificant role, perhaps useful only as support materials for practice at home.*

Resposta:

Quanto à sua primeira pergunta, veja Q#155 no slide 8.

Quanto à sua segunda pergunta, existem vários porquês de se ensinar a uma criança uma segunda língua. O mais óbvio seria o fato de que bilinguismo é uma qualificação básica do indivíduo na sociedade moderna. Um segundo, seria o fato incontroverso de que a criança tem uma capacidade de assimilação superior à do adolescente e do adulto.

Além disso, multilinguismo representa multicultura, ou seja, um universo conceptual enriquecido pela diversidade prismática que proporciona.

Falar sobre o aprendizado de línguas por crianças é falar sobre seu desenvolvimento cognitivo.

Pela sua formação, você deve saber melhor do que nós que a criança não é ensinada; ela aprende. A nós, cabe apenas criar o ambiente propício. Este ambiente, ao contrário dos ambientes de adultos, que tendem a ser conceptuais e abstratos, deve ser material e concreto, com amplo espaço para improvisação e criação.

No plano psicológico-afetivo deve haver uma conexão forte entre aprendiz e facilitador. Este, deve saber desempenhar um papel mais de assistente e menos de líder, abrindo espaço nos momentos em que o aprendiz se predispõe à ação e a assumir a liderança.

Predeterminar o rumo desta relação através de um plano didático seria como criar um manual sobre como conquistar uma namorada ou como construir amizades. Atividades predeterminadas, sem lugar para improvisação, são intrusivas, inibem a criatividade e desrespeitam diferenças individuais. É o ato de criar que proporciona o desenvolvimento cognitivo da criança, e a língua que se pretende seja aprendida pela criança é a que deve ser usada no processo. Quaisquer materiais ou atividades planejadas por adultos estariam na contramão, correndo o risco de se configurarem num *subject-matter-centered plan*, quando o que se deseja é um *child-centered plan*.

Portanto, nossa recomendação é que você aprofunde mais ainda seus estudos na área da psicologia infantil e da psicologia cognitiva ao invés de envidar esforços no desenvolvimento de materiais, os quais já existem em profusão. Estude formas de se criar ambientes propícios e atividades não-predeterminadas, que despertem o interesse e estimulem o envolvimento ativo da criança.



Q#489: Uso de símbolos fonéticos para ensinar crianças

Sou graduada em Letras desde 1997. Ensino inglês na Cultura Inglesa Fortaleza e, desde o início deste ano, venho fazendo o curso de especialização em metodologia do ensino de língua inglesa na Universidade Estadual do Ceará. Venho desenvolvendo um projeto com meus alunos do curso juvenil (7 - 10 anos) sobre os sons/símbolos da língua inglesa e este seria o tema de minha dissertação ao final do curso de especialização.

Este assunto despertou minha atenção visto que, curiosamente, a grande maioria dos livros didáticos infantis para o ensino de inglês como língua estrangeira a que já tive acesso, apenas enfocam os sons em inglês de forma implícita através de rimas ou músicas. Daí pensei: por que será que os livros didáticos infantis, assim como os de adolescentes e adultos, não trazem explicitamente os símbolos fonéticos?

Gostaria de saber se os senhores têm algo a respeito ou alguma opinião que possa auxiliar meu trabalho.

Aguardo seu retorno,

Atenciosamente, Karina Andrade <kpandrade@yahoo.com.br> Sep 29, 02

Comments:

1. *Excellent idea, considering the chaotic spelling-to-sound correspondence of English and the spelling interference it causes on ESL learners.*
2. *Additionally useful for non-native teachers because it helps in minimizing native language interference.*

Resposta:

Você está no caminho certo e seu trabalho é relevante. Representa um avanço em relação às metodologias tradicionais que oferecem muito contato prematuro com texto e pouco com a língua na sua forma oral.

O uso de símbolos fonéticos para retratar a língua como ela é, é uma necessidade no caso do inglês, idioma que apresenta uma acentuada falta de correlação entre ortografia e pronúncia. A criação de uma interface visual através de símbolos fonéticos é útil especialmente para adultos, que apresentam uma sensibilidade auditiva amortecida por já terem uma matriz fonológica sedimentada. Se o aparelho auditivo já não é o melhor canal, por que não explorar a percepção visual?

No caso de crianças, entretanto, que ainda dispõem da habilidade de expandir sua matriz fonológica, seria bem mais eficaz e menos penoso simplesmente permitir-lhes a assimilação indutiva em ambientes naturais da língua. Obviamente, a linguagem à que as crianças estariam expostas teria que ser autêntica, sem desvios.



Q#571: É aconselhável ensinar a ortografia do inglês na infância?

Caro Professor Ricardo,

Sei que não é viável a alfabetização em inglês paralelamente à língua materna. No entanto, ainda resta uma dúvida.

Suponhamos que eu tenha uma escola apenas para crianças e queira, além de desenvolver a oralidade, introduzir palavras (escritas) que proporcionem o desenvolvimento da memória visual no que diz respeito ao reconhecimento e relação dessas com seu significado real.

É possível? É viável? É produtivo?

Agradeço desde já e aproveito para parabenizá-lo pelo site.

Sem dúvida é fonte de referência para muitas dúvidas que envolvem os que são apaixonados pela LE.

Abraço,

Teresa C. Najar <najararaujo@yahoo.com.br> June 6, 07

Comments:

1. *Language is primarily speech.*
2. *The English correspondence between spelling and pronunciation is extremely poor.*
3. *In Brazil we are more likely to have contact with written English than with spoken English.*

For this reason, the correspondence that must be established is between the real experience and the spoken word. In the absence of the real experience, a picture is better than the written word. Think of using flash cards.

Resposta:

Não se esqueça que a aquisição da fala e a descoberta do mundo são processos paralelos para a criança. A relação que deve ser estabelecida pela criança no aprendizado da língua estrangeira, é entre as experiências vividas e a respectiva linguagem que ocorre. Linguagem aqui se refere à oralidade. Embora palavra possa ser definida como o conjunto de forma oral com representação ortográfica, se não houver lugar natural nas experiências vividas pela criança para a palavra escrita, esta não deve figurar artificialmente. Se a forma oral e a forma escrita não seguem um padrão regular, como no caso do inglês, este é um detalhe secundário, com o qual a criança aprendiz irá lidar no momento oportuno.

APRENDIZADO NA INFÂNCIA – PERGUNTAS E RESPOSTAS

Portanto, minha sugestão é que você trabalhe prioritariamente a oralidade para desenvolver na criança o máximo possível de familiaridade com a língua estrangeira na sua forma oral. Além do argumento acima, isso também será de maior proveito para eles no futuro porque, vivendo no Brasil, a tendência é terem, ao longo de suas vidas, muito mais oportunidades de contato com o inglês escrito do que com a língua falada. Assim, eles adquirem na hora certa aquilo que é a base e que é o mais difícil. Posteriormente, não faltarão oportunidades para descobrirem as peculiaridades do sistema ortográfico da língua.



Q#574: *Aprendizado de inglês na infância.*

Bom dia,

A minha filha nasceu nos USA e vivemos por lá até ela completar 5 anos. Ela falava o inglês fluente pois frequentava *day care* e depois foi para a *pre-school*, entendia bem o português mas respondia em inglês. Viemos para o Brasil e com uns três meses ela já estava falando o português bem e não quis mais falar o inglês, fui em várias escolas mas não achei que seria legal pois o inglês das escolas que visitei não era exatamente o que tínhamos em mente, com o passar do tempo desisti pois ela começou a frequentar escolas aqui no Brasil, e fiquei com medo de ela ficar confusa por aprender duas línguas.

A minha pergunta é será que fiz mal? Agora ela está na 3ª série, será que seria uma boa idade? O que você acha?

Grata,

Cristiane <RPinheiro*schwingstetter.com.br> Jan 24, 2008

Comments:

- 1. The loss is sometimes inevitable but never complete.*
- 2. An international school would be a solution.*

Resposta:

Você não fez nada de errado. Você acertou ao decidir não matricular sua filha quando percebeu que o inglês oferecido pelas várias escolas não era autêntico.

Quando eu vim com minha família de muda para o Brasil em 1987, depois de termos residido nos EUA, minha filha mais velha, com 7 anos, passou exatamente pela mesma experiência. Na época solicitei permissão da direção da escola de ensino fundamental daqui para que minha filha não assistisse às aulas de inglês oferecidas pela escola. O motivo não foi preocupação com o desenvolvimento de 2 línguas simultaneamente; foi simplesmente para não estragar sua pronúncia nativa, pois a pronúncia da professora era carregada de interferência do português.

Para minimizar a perda inevitável, uma vez que em nossa cidade não havia escola bilíngue com falantes nativos, comprei CDs de música para criança e videotapes com desenhos e programas infantis em inglês.

APRENDIZADO NA INFÂNCIA – PERGUNTAS E RESPOSTAS

Tanto a minha quanto a sua história demonstram o que é o aprendizado de línguas, especialmente na infância. Crianças não se submetem à prática artificial de línguas estrangeiras, mas aprendem com facilidade, desde que estejam em ambientes autênticos vivendo situações reais de comunicação. Linguagem é fruto de convivência. Não é conhecimento gramatical nem memorização de frases traduzidas; nem para adultos e, muito menos, para crianças. Além disso, crianças possuem uma acuidade auditiva, e um estágio de desenvolvimento cognitivo que lhes permite captar sutilezas fonéticas que muitas vezes nós adultos sequer temos ouvidos para perceber. Se a criança ficar exposta a uma linguagem caracterizada por desvios, todos os desvios serão transferidos à criança comprometendo seu potencial de assimilação.

APRENDIZADO NA INFÂNCIA – PERGUNTAS E RESPOSTAS

Queremos que nossos filhos aprendam inglês e sabemos que quanto antes, melhor. Nossas decisões, entretanto, devem se basear na questão da oportunidade antes da idade. Isto porque, independentemente da idade do aprendiz, a língua estrangeira adquirida de segunda mão, na ausência de modelos autênticos, jamais vai se tornar o meio de comunicação pleno, assim como uma área de reflorestamento jamais vai se tornar uma selva nativa.

Uma solução seria colocar sua filha numa escola internacional, daquelas frequentadas por crianças estrangeiras e que possuem um corpo docente misto, composto de professores estrangeiros e brasileiros, e onde a maioria das matérias é ensinada em inglês. Infelizmente esse tipo de escola só está disponível em grandes centros, e custam muito caro.

Fique atenta para as oportunidades em sua cidade, pois assim que sua filha retomar o convívio com estrangeiros e a interação que este convívio proporciona, aquela linguagem adquirida na infância vai reflorescer rapidamente.



Q#575: Alfabetização em inglês antes do português.

Olá,

Minha irmã está indo morar no Canadá com o marido e a filha de quatro anos não alfabetizada em língua materna. Minha dúvida é sobre o aprendizado de inglês dessa criança. Ela irá ser alfabetizada em língua inglesa, mas sem nem ter sido em português. Os pais pretendem alfabetizá-la em português em casa. Não vai criar confusão na cabeça da criança? E também ela será uma criança atrasada em relação às nativas na escola, isso não pode prejudicá-la em termos de sentir-se inferior intelectualmente, embora seja bem desenvolvida para a idade na língua dela?

Cátia Lima, July 14, 2015

Comment:

They should not worry at all. The acquisition of two languages is definitely more important than spelling.

Lucky girl!

Resposta:

O mais importante no caso de sua sobrinha não é a alfabetização, mas sim a assimilação de uma segunda língua. Não nos esqueçamos de que línguas são fundamentalmente fenômenos orais. A escrita é mera decorrência. O aspecto altamente positivo no caso de sua sobrinha é que ela facilmente e rapidamente se tornará bilíngue. Em cerca de meio ano estará falando um inglês equivalente aos nativos de sua idade, ao mesmo tempo em que estará mantendo seu português em casa, tudo dentro do princípio de *one-person-one-language*. É certo que ela terá mais tarde um pequeno desafio adicional para estabelecer a correlação pronúncia-ortografia de duas línguas diferentes, mas não vejo nisso algo preocupante.

O Canadá é um país desenvolvido e uma sociedade organizada. A criminalidade é muito baixa e as escolas públicas são de boas a excelentes. Sua sobrinha é uma menina de sorte.



Q#583: O surgimento de escolas bilíngues no Brasil.

Caro Ricardo,

Aqui na cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana estamos vivendo uma onda de escolas bilíngues, que estão presentes desde os bairros mais pobres e periféricos, até os bairros de elite. Muitos pais já pensam em tirar seus filhos dos cursos de idiomas e matriculá-los nessas tais escolas bilíngues onde algumas até oferecem programas de ensino fundamental e médio (*elementary school* e *high school*) de países como EUA e Reino Unido, ou seja, atraindo alunos desde o primeiro ano até o ensino médio. A promessa é a proficiência na língua inglesa.

Acredito que ainda não esteja claro, para pais e alguns professores, quais componentes são necessários para considerar uma escola bilíngue. Então, tenho 3 perguntas:

- Será que essas escolas que se dizem bilíngues realmente são e têm capacidade para entregar o que prometem – uma educação e fluência aos seus alunos em duas línguas?
- Quais componentes fazem de uma instituição uma escola bilíngue?
- Qual seria a diferença no ensino de uma escola de idiomas e de uma escola bilíngue?

Comment:

*Are those bilingual schools just a fad
or the real solution?*

APRENDIZADO NA INFÂNCIA – PERGUNTAS E RESPOSTAS

Resposta:

Vejam, em primeiro lugar, algumas definições:

Bilinguismo: Num sentido estrito, bilinguismo é falar dois idiomas como se fosse nativo em ambos ou com um nível igual de fluência.

Curso de idiomas: São cursos livres (não sujeitos a regulamentação). Têm como finalidade unicamente ensinar idiomas. Em geral, seguem metodologias dos anos 60, onde o idioma é o objeto de estudo. Podem ser franqueados, independentes ou institutos binacionais.

Escola bilíngue: Atuam principalmente na faixa infantil. Não cumprem necessariamente com um currículo de ensino fundamental nem médio, nem brasileiro nem estrangeiro, não estando para tal credenciadas. São fruto de uma nova realidade e se constituem numa reação aos cursos de línguas. Partem do fato de que o aprendizado de línguas é muito mais eficaz na infância e de que, no mundo conectado de hoje, a maioria dos jovens já têm contato e familiaridade com a língua inglesa. Dispõem de um corpo de instrutores nativos que criam um ambiente de língua e cultura estrangeira autêntico. Oferecem atividades onde a língua não é objeto de estudo, mas sim instrumento de comunicação para atividades educacionais diversas.

Escola internacional: são escolas de ensino fundamental e médio credenciadas, que cumprem com a grade curricular brasileira e com a de outro país. O corpo docente é misto, composto de professores estrangeiros e brasileiros. Oferecem um ambiente de *language acquisition* quase perfeito, uma vez que o inglês se constitui não em objeto de estudo, mas sim em instrumento de estudo, diariamente. Inglês ou português serão usados em sala de aula dependendo do professor da matéria. Estes são nativos ou na língua local ou na estrangeira. Idealmente, possuem pelo menos, 50% de docentes estrangeiros. Um fator altamente limitador das escolas internacionais é o preço, além de existirem apenas nos grandes centros como Rio, São Paulo, Brasília, Curitiba, Porto Alegre, etc.

Isto posto, vamos às suas perguntas:

Quais componentes fazem de uma instituição, uma escola bilíngue?

O principal componente é a presença forte da língua e da cultura estrangeira. Ou seja, corpo docente estrangeiro.

Qual seria a diferença no ensino de uma escola de idiomas e de uma escola bilíngue?

Numa escola bilíngue a língua deixa de ser o objeto de estudo para se tornar o instrumento de comunicação, seja para fins de estudo ou para quaisquer outras atividades. O tradicional plano didático serializado em livros 1, 2, 3, ... cede lugar a uma coletânea de atividades lúdicas e educacionais planejadas de acordo com a idade dos alunos. Por exemplo:

- *Healthy Snack*, atividade na qual as crianças, sob supervisão de seu instrutor, preparam seus próprios lanches, descascando verduras, frutas, usando o liquidificador, etc.;

APRENDIZADO NA INFÂNCIA – PERGUNTAS E RESPOSTAS

- *Traffic Rules*, atividade em que as crianças aprendem sobre a sinalização do trânsito, criam alguns dos sinais, caminham pelas ruas próximas à escola acompanhadas e constantemente orientadas pelo instrutor;
- *Vegetable Garden*, cultivo e colheita de verduras; etc.

Todas essas atividades ocorrem exclusivamente na língua estrangeira.

Além disso, a escola bilíngue ideal seguirá o princípio conhecido como *one-person-one-language*. Ou seja, cada cuidador ou instrutor se comunicará com os aprendizes exclusivamente em sua língua materna.

Será que essas escolas que se dizem bilíngues realmente são e têm capacidade para entregar o que prometem, uma educação e fluência aos seus alunos em duas línguas?

Sua pergunta é muito oportuna. É claro que assim como a troca de embalagem não muda o produto, não é o nome dado ao ensino de línguas que vai alterar sua eficácia. Portanto, autodenominar-se "escola bilíngue" não significa que realmente o seja. Entretanto, se possuírem as condições acima descritas, serão realmente eficazes e dominarão o mercado. A maioria de seus egressos já serão bilíngues ao ingressarem no ensino fundamental e médio.



De quem é a responsabilidade?

- Dos pais?
- Da escola?
- Do governo?

PAPEL DOS PAIS

A responsabilidade dos pais é saber encontrar um ambiente de convívio que proporcione *language acquisition* para seus filhos. Não devem colocá-los em clubes, cursinhos ou escolinhas onde normalmente instrutores falam português e possuem proficiência limitada em inglês. Sotaque, pobreza idiomática, limitações de vocabulário e outros desvios que normalmente caracterizam aquele que não é nativo serão transferidos à criança, levando à internalização dos mesmos e causando danos irreversíveis. Seria como colocar a gema bruta nas mãos de um lapidador aprendiz. Os pais devem começar a exigir ambientes de *language acquisition*, principalmente daquelas escolas particulares cujos resultados financeiros não justificam nenhuma postergação.

PAPEL DA ESCOLA

Assim como o local ideal para se aprender tênis e futebol é a cancha e o campo, para se aprender química é o laboratório, ambientes ideais para o aprendizado de línguas são centros de convívio multiculturais.

Compete às escolas de Ensino Fundamental e Médio criar centros de convívio que proporcionem ambientes multiculturais de *language acquisition* para complementar o ensino convencional de inglês (fortemente inspirado em *language learning*) já normalmente oferecido. Esses centros de convívio em língua estrangeira (de plena viabilidade econômica) devem contar com a participação de falantes nativos na coordenação das atividades, e podem ser complementados com convênios junto a escolas no exterior e programas de intercâmbio cultural. Tais centros de *language acquisition* poderiam vir a servir como etapa intermediária no processo de implementação de educação bilíngue, onde determinadas matérias do currículo escolar são ministradas em língua estrangeira, a exemplo das escolas internacionais encontradas nos grandes centros.

PAPEL DO GOVERNO

Nada cresce do nada. Para disseminar línguas e culturas estrangeiras no país precisamos trazer representantes dessas línguas e suas culturas. Nossos meios acadêmicos não têm como suprir esta necessidade. Por isso, a responsabilidade do poder público é abrir urgentemente as fronteiras culturais, facilitando a vinda de falantes nativos de línguas estrangeiras através de um enquadramento legal específico e burocracia simplificada, bem como incentivando a criação de organizações voltadas a intercâmbio linguístico e cultural e promovendo a isenção fiscal das mesmas.

**Este conjunto de perguntas e respostas,
incluindo respostas em português com
fundamentações mais completas,
encontra-se disponível no formato PDF
e pode ser adquirido por R\$25.**

Contato: emb@sk.com.br

*O Prof. Ricardo Schütz encontra-se à disposição
para palestras sobre os temas abordados neste site.
Contatos pelo fone (51) 3715-3366 ou por e-mail:
sk@sk.com.br*

